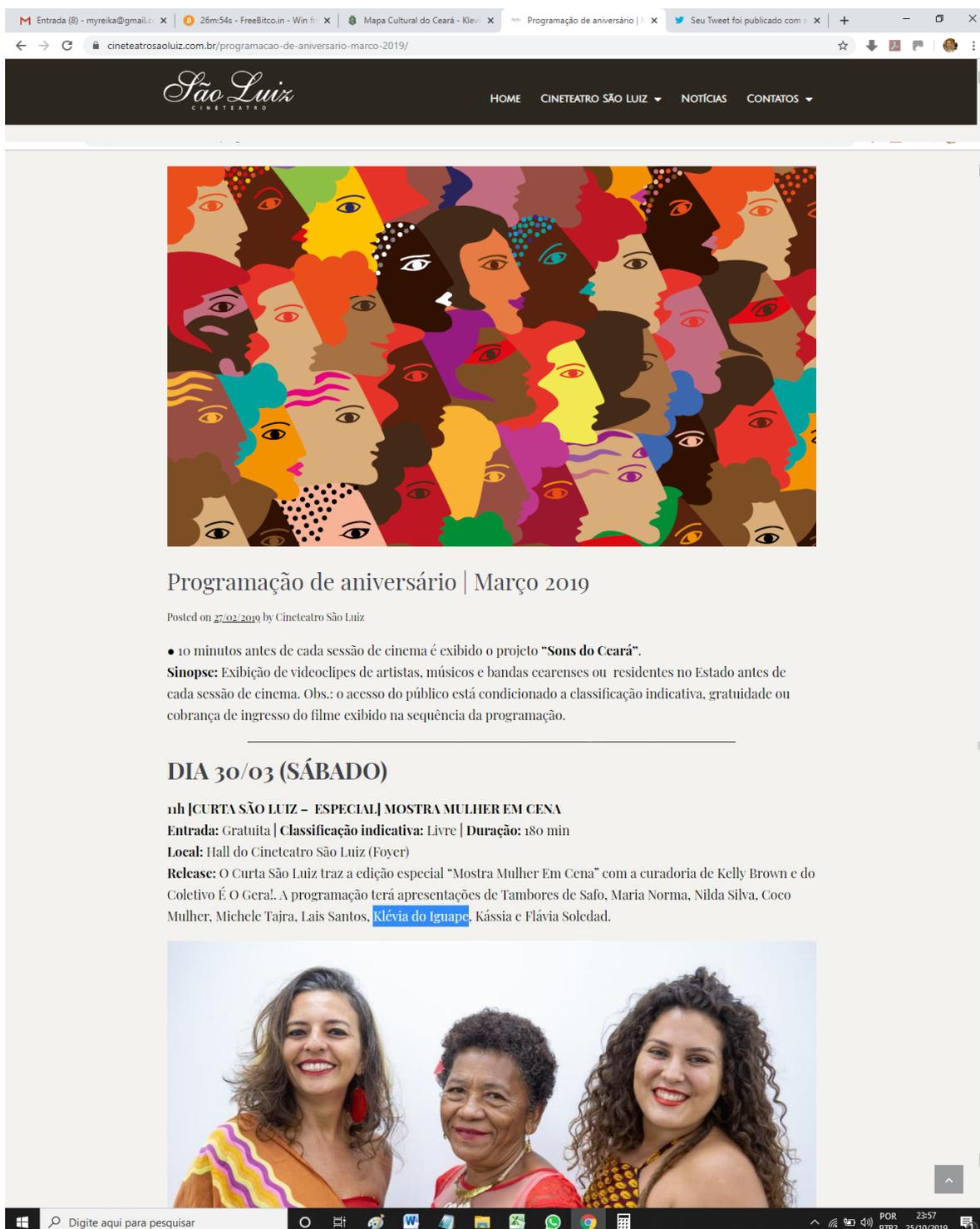


# KLIPPING KLEVIA DO IGUAPE – COCO DO IGUAPE

2019



Entrada (8) - myreika@gmail.c... x | 26m:54s - FreeBitco.in - Win fi... x | Mapa Cultural do Ceará - Klevia... x | Programação de aniversário | x | Seu Tweet foi publicado com... x | +

cineteatrosauluz.com.br/programacao-de-aniversario-marco-2019/

**São Luiz**  
CINETEATRO

HOME CINETEATRO SÃO LUIZ NOTÍCIAS CONTATOS



## Programação de aniversário | Março 2019

Posted on 27/02/2019 by Cineteatro São Luiz

- 10 minutos antes de cada sessão de cinema é exibido o projeto "Sons do Ceará".

**Síntese:** Exibição de videoclipes de artistas, músicos e bandas cearenses ou residentes no Estado antes de cada sessão de cinema. Obs.: o acesso do público está condicionado a classificação indicativa, gratuidade ou cobrança de ingresso do filme exibido na sequência da programação.

---

### DIA 30/03 (SÁBADO)

**mh [CURTA SÃO LUIZ - ESPECIAL] MOSTRA MULHER EM CENA**  
**Entrada:** Gratuita | **Classificação indicativa:** Livre | **Duração:** 180 min  
**Local:** Hall do Cineteatro São Luiz (Foyer)

**Release:** O Curta São Luiz traz a edição especial "Mostra Mulher Em Cena" com a curadoria de Kelly Brown e do Coletivo É O Geral. A programação terá apresentações de Tambores de Safo, Maria Norma, Nilda Silva, Coco Mulher, Michele Tajra, Lais Santos, **Klévia do Iguape**, Kássia e Flávia Soledad.



Windows | Digite aqui para pesquisar | POR 23:57 | 25/10/2019

<https://www.cineteatrosauluz.com.br/programacao-de-aniversario-marco-2019/>



09.10.2018

## Sonora Brasil Sesc apresenta grupo cearense em Novo Hamburgo

Coco do Iguape se apresenta no dia 16 de outubro, às 20h, no Auditório da FTEC

Foto: Jr. Panela



Após percorrer o Brasil pelo projeto **Sonora Brasil Sesc**, o grupo cearense **Coco do Iguape** chega a **Novo Hamburgo**. O coletivo é oriundo da Praia do Iguape, Litoral nordestino onde pratica a pesca artesanal, e sua música tem influência na prática e cultura local. Por ser referência no gênero musical do Coco, foi um dos grupos escolhidos para compor esta edição do projeto que tem a temática "*Na Pisada dos Cocos*". A apresentação será no dia **16 de outubro**, às 20h, no Auditório da FTEC (Rua Silveira Martins, 780). O ingresso é a **doação de 1kg de alimento não perecível**. Mais informações podem ser obtidas pelo telefone (51) 3593-6700, no site [www.sesc-rs.com.br/novo\\_hamburgo](http://www.sesc-rs.com.br/novo_hamburgo) e na página [www.facebook.com/sescnovohamburgo](https://www.facebook.com/sescnovohamburgo).

O grupo é caracterizado por ter um ritmo mais acelerado e uma dança mais "pulada". A música mantém a estrutura de refrão fixo, apresentado pelo mestre e cantado pelos brincantes, e estrofes emboladas pelos mestres, algumas criadas no calor da brincadeira. O coletivo utiliza apenas três instrumentos musicais: caixão (espécie de Cajon), ganzá e triângulo (inserido a partir de influências externas), e é formado por Mestre Chico Caçoeira (Francisco Renato das Chagas), **Klévia do Iguape (Klévia Cardoso da Silva)**, Renato Cabral, Wellington Monteiro, Gatinho (João Anastácio de Carvalho), Caboquim (José Ailton da Costa Miranda), Altamiro da Costa e Adonai Ribeiro. A classificação etária é livre e a duração de 60 minutos.



Entrada (7) - myrc x 38m-46s - FreeBit x Eleições CEPC - 20 x Mapa Cultural do x Mapa Cultural do x (21) Coco De Do x Coco do Iguape x

Não seguro | registrodiario.com/ver\_agenda/835/coco-do-iguape.html

COLUNAS | CLASSIFICADOS | GUIA COMERCIAL | AGENDA | FOTOS | VÍDEOS | VOCÊ REPORTER | LOGIN

MEIO AMBIENTE | TURISMO | ESPORTE | EDUCAÇÃO | CIDADES | NOTÍCIAS | CONCURSOS | VAGAS | ECONOMIA

CULTURA | SAÚDE | TECNOLOGIA

## Coco do Iguape

Dia 02/10/2018



SONORA BRASIL 2017/2018 - A +A Como outros cocos do litoral, o grupo se apresenta descalço, como os pescadores costumam andar. A vestimenta é feita artesanalmente com o mesmo tecido usado nas velas das jangadas e tingida com a tinta retirada da casca do cajueiro azedo, árvore encontrada na região. A música mantém a estrutura de refrão fixo, apresentado pelo mestre e cantado pelos brincantes, e estrofes emboladas pelos mestres, algumas criadas no calor da brincadeira, com característica peculiar que é o andamento mais acelerado e uma dança mais "pulada". Os instrumentos utilizados pelo grupo são o caixão (espécie de Cajon), que é feito de madeira em forma de caixa, permitindo que o tocador fique sentado sobre o instrumento, e o ganzá, espécie de chocalho feito com latas reutilizadas, ambos fabricados pelos próprios integrantes. O triângulo, pouco encontrado em grupos de coco, foi inserido a partir de influências externas. O grupo é formado por Mestre Chico Caçoiera (Francisco Renato das Chagas), Klévia do Iguape (Klévia Cardoso da Silva), Renato Cabral, Wellington Monteiro, Gatinho (João Anastácio de Carvalho), Caboquim (José Ailton da Costa Miranda), Altamiro da Costa e Adonai Ribeiro. Local: área de convivência

Data: 02/10/2018  
 Hora: 20:00 hs  
 Cidade: Registro  
 Local: Sesc Registro.: Área de convivência



Creative Piscinas  
Concretizando sonhos!

Construimos piscinas de  
 (13) 99104-9113  
 (13) 99775-1478  
 Rua João Pasoli, 301 - Registro

Colunas | Empresas | Enquete

Joicy Macedo - Como posso ajudar meu filho a melhorar sua coordenação motora?

Fagner Vieira - Consumidor não perdoo experiências ruins no mobile



RIBEIRINHA

SUA EMPRESA, SEU NOME.  
NÓS FAZEMOS PARA VOCÊ!

CAMISETAS E CHINELOS PERSONALIZADOS

28th Domingo - 29

LUGAR DE MULHER  
O GRANDE  
ELA QUISER

Ativar o Windows

Ativar o Windows

Ativar o Windows

Digite aqui para pesquisar

POR 18:22  
PTB2 25/10/2019

[http://www.registrodiario.com/ver\\_agenda/835/coco-do-iguape.html](http://www.registrodiario.com/ver_agenda/835/coco-do-iguape.html)

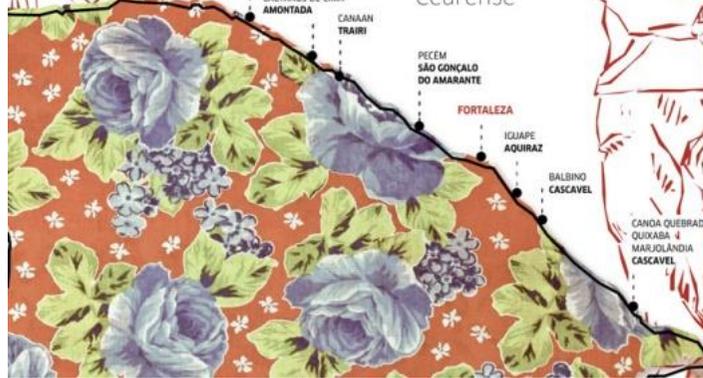


## No embalo do coco

Pensar na origem do coco, como aponta o antropólogo Nino Amorim, é refletir sobre diversas versões, contadas e cantadas pelos muitos brincantes espalhados do litoral ao sertão. A organização em círculo, que pressupõe sociedades horizontalizadas com formas bem distintas de hierarquias e estratificação social; o uso prioritário de instrumentos de percussão; o canto solo acompanhado de refrãos que se repetem ad infinitum; a dança marcada pelo molejo, pela sedução/convite da umbigada são algumas das características que guiam essa manifestação.

*"Os cocos assumem várias funções, podendo se configurar como canto, acompanhado apenas por palmas e batidas dos pés; canto com acompanhamento de pandeiro ou ganzá; só texto escrito, quando integra a literatura de folhetos; dança acompanhada de versos cantados ao som de bumbos, ganzás e outros instrumentos de percussão; cantos integrados a cultos religiosos afro-brasileiros."* (AYALA. Apresentação. In: Cocos: alegria e devoção, p. 13)

### Mapeamento dos Cocos do Litoral Cearense



#### Canto

Também chamado de embolado, geralmente é proferido no estilo responsorial - diálogo entre o mestre (embolador) e o coro (brincantes). As temáticas retratam fatos cotidianos da vida dos brincantes e, muitas vezes, são sugeridas por meio de improvisação.

#### Instrumentos

No corpo musical dos cocos dançados, os instrumentos comumente utilizados são o ganzá, o bumbo, a zabumba, a paulta, o pandeiro, o zambé, a caixa (ou tarorê); em alguns casos, são usados violão e triângulo.

#### Dança

O som produzido pela pisada dialoga com os instrumentos musicais. A dança executada em roda tem, assim como na maioria das expressões de matriz africana, a umbigada - signo corporal afro negro, que sugere ou junta dois corpos no convite para a dança.

#### Indumentária

Não há uma vestimenta específica para praticar a dança. No caso do Coco do Iguape, no entanto, os brincantes fazem questão de ir até a mata e tingir a jaqueta e a calça de algodão com a casca do cajueiro.





HISTÓRIAS

## No embalo do Coco do Iguape, um ato de resistência cultural

Por Felipe Gomes, Igor de Melo

ACREDITA EM VÓS



15. AGO  
2016

*O grupo, originado no pequeno distrito do município de Aquiraz, se prepara para representar o Ceará no Sonora Brasil, projeto musical viabilizado pelo Sesc*

Pés que se entrelaçam e parecem rescrever no chão a história de um povo. Ao som de cantos e coros uníssomos, em forma de refrão e embolada, eles encantam. Na palma da mão, seguindo o ritmo do carron – uma espécie de caixote de madeira – e do ganzá, se empoderam e identificam culturalmente seu povo e suas tradições.

Quem por ali passa, logo para. A curiosidade os traz. O estranhamento faz com que permaneçam. É bonito de ver e de ouvir. Aos poucos, partes do corpo começam a se mexer. É quase involuntário. Mas é dança ou brincadeira? É dança, brincadeira, música e cultura. E é, acima de tudo, resistência. O sincero “Segura aí menino” vem da alma e, no Iguape, basta isso para saber que vai começar o Coco.



Essas são algumas das sensações despertadas em quem acompanha uma das apresentações do Grupo Raízes Artísticas do Iguape, que traz, com a dança do Coco de Praia do Iguape, uma tradição folclórica criada pelos pescadores do pequeno distrito de Aquiraz. Coco, nessa cultura, representa cabeça, lugar de onde saem as músicas que acompanham a rica sonoridade acústica dos brincantes.

A versão mais aceita sobre o início dessa tradição diz que pescadores, que plantavam coqueirais em seus terreiros e vinham para Fortaleza trocar seus cocos por algumas especiarias, saltavam sobre a areia quente, como em uma dança. O que se sabe ao certo é que a tradição passou, ao longo do tempo, por uma espécie de enriquecimento cultural, com contribuições de povos nativos, etnias africanas e dos portugueses.

Essa cultura vem passando, ano após ano, por diversas gerações. **Klévia do Iguape, líder do grupo**, esclarece que isso se dá pelo caráter familiar do movimento. “Essa continuidade se dá pela própria vida e pelo próprio tempo. Aqui toda nossa comunidade dança o coco. Para você ter uma ideia, nos ensaios, lá em casa, aos sábados, tem crianças de dois anos que já está sacolejando ao som do coco”.

Compartilhe nas redes sociais:



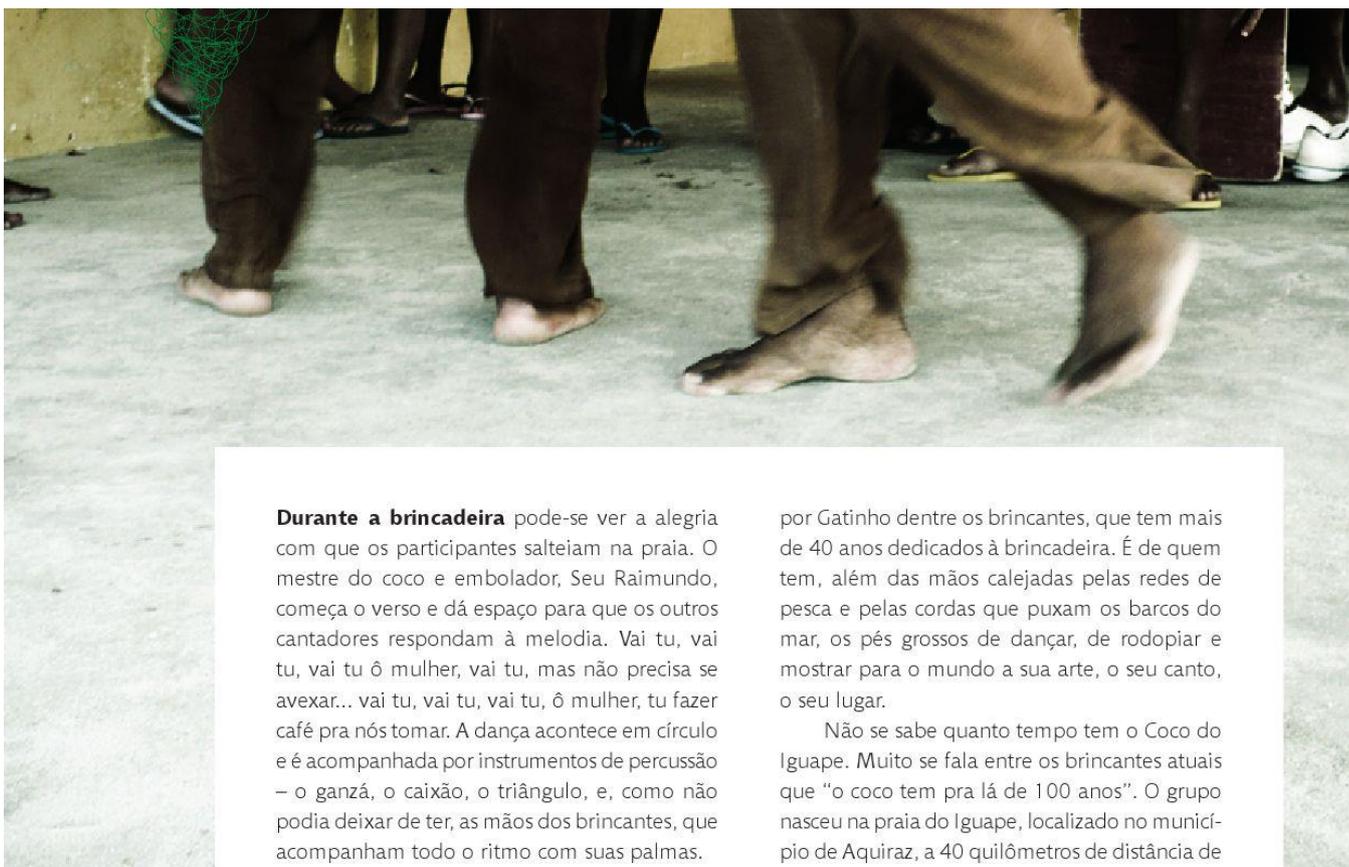
Nome  Cadastre seu email e conecte mais histórias  **ENVIAR**



# Dança e Tradição na praia do Iguape

· texto · amanda nogueira · thays oliveira lavor · fotos · eduardo mont' alverne ·

Maneira faceira machuca e maltrata o chão. Rodopia o salão, quebra de lá, quebra de cá, entra ele, sai ela, embaixo e em cima, na palma da mão e na ponta do pé. Praia, sol, cocô. Toda a geração salta ao toque do caixão. Balança a morena, balança o irmão, o primo e o pai. Os Costa, os Cabral, no baque, na embolada, no coco daqui, no coco de lá, no que vira o mundo, roda, roda e deixa dançar



**Durante a brincadeira** pode-se ver a alegria com que os participantes saltam na praia. O mestre do coco e embolador, Seu Raimundo, começa o verso e dá espaço para que os outros cantadores respondam à melodia. Vai tu, vai tu, vai tu ô mulher, vai tu, mas não precisa se avexar... vai tu, vai tu, vai tu, ô mulher, tu fazer café pra nós tomar. A dança acontece em círculo e é acompanhada por instrumentos de percussão – o ganzá, o caixão, o triângulo, e, como não podia deixar de ter, as mãos dos brincantes, que acompanham todo o ritmo com suas palmas.

Apenas dois participantes dançam dentro do círculo. Um é convocado a acompanhar o outro, que o chama de dentro da roda. É uma espécie de desafio sem rivalidade. Os dois pinotam, brincam e não deixam de conservar o ritmo dos batuques. Enquanto os dois dançam no centro, os outros esperam a hora em que serão chamados. Mulheres e homens podem dançar. Aqui todo mundo é convidado a conhecer o Coco do Iguape.

*Voa andorinha branca, voa  
andorinha no mar, voa  
andorinha branca e bateu  
asas pra voar...*

Nessa embolada, seguem alguns pescadores, que além do amor pelo mar, têm na dança do coco sua razão de viver. “Quando eu começo a dançar, quando esquenta, por mim eu passaria três dias dançando, por mim eu não parava nunca”, conta Seu João Anastácio, conhecido

por Gatinho dentre os brincantes, que tem mais de 40 anos dedicados à brincadeira. É de quem tem, além das mãos calejadas pelas redes de pesca e pelas cordas que puxam os barcos do mar, os pés grossos de dançar, de rodopiar e mostrar para o mundo a sua arte, o seu canto, o seu lugar.

Não se sabe quanto tempo tem o Coco do Iguape. Muito se fala entre os brincantes atuais que “o coco tem pra lá de 100 anos”. O grupo nasceu na praia do Iguape, localizado no município de Aquiraz, a 40 quilômetros de distância de Fortaleza. Atualmente conta com 16 integrantes, a maioria parentes do atual mestre do coco. O mestre da brincadeira é seu Raimundo Cabral, que na verdade se chama Raimundo José da Costa. “Pode chamar de Cabral que todo mundo conhece, mas tente chamar de Costa”, diz. O mestre Cabral começou a dançar com oito anos de idade e já conta 64.

São mais de 50 anos dedicados ao coco. Raimundo conta que quando criança, o mestre de coco da época, Paulino, chamou-lhe para fazer a brincadeira. “Eu só era dançador. Mas aí ele (Mestre Paulino) viu que eu encostei, fiquei encostado dele e nos ensaios, quando ele embolava, eu acompanhava o embolamento dele. Aí ele disse: ‘rapaz, com certeza esse cara vai dar um bom embolador!’”, contou. Após ver o menino, com seu jeito único de embolar, o mestre lhe antecipou que Raimundo Cabral ainda seria o mestre do Coco do Iguape. Hoje, Raimundo é mesmo mestre e seus quatro filhos brincam também, “Um já me representa quando eu num tô. Ele que dá os versos e faz a brincadeira”, relata. A família Cabral está dentro do Coco do Iguape assim como o coco nunca deixou de fazer parte dessa família.



## Mulher, história e dança

**Klévia Cardoso**, brincante e presidenta do Grupo de Dança de Coco do Iguape, iniciou o processo de organização documental da tradição e história do Coco do Iguape. Hoje o grupo viaja pelo Brasil e já gravou um disco. Sua história, suas tradições e seu lugar são levados para o mundo por meio dos brincantes, pelo balançar do ganzá, pelo toque do caixão e pela alegria dos integrantes que do grupo fazem parte.

Ainda no ano de 2008, os brincantes do Coco do Iguape tingiram as roupas herdadas de seus antepassados e utilizadas até hoje na hora da brincadeira. Este ritual é realizado de 100 em 100 anos. O mestre Cabral é peça fundamental para o rito. Ele irá tirar a casca do cajueiro e fazer a tintura das roupas. Primeiro será tirada a goma do tecido, depois ele será lavado em água corrente, a casca do cajueiro é cozida para extrair a tintura, e assim as roupas serão tingidas para serem finalmente expostas ao sol. Todo o ritual será em Traiuruçu, terra dos indígenas Genipapo Canindé.

Segundo os moradores daquela região do Iguape, muita gente, dentre eles crianças, mulheres, e eles próprios, adora assistir aos ensaios do grupo. No dia em que visitamos a colônia de pescadores, o céu estava claro, aberto e não se via muitas nuvens. Eram mais ou menos três da tarde. Os homens do mar se juntavam entre as redes, madeiras, camburões de guardar peixe e balanças, tanto para jogar conversa fora, rir um pouco, ou apenas para encontrar algum amigo. Até que um deles lançou a pergunta “e vai começar o ensaio assim tão cedo?” para Klévia. Ela,

como se ignorasse a pergunta, olhou para nós, cumprimentou-nos, e após esse gesto respondeu ao curioso pescador: “É que hoje tem gravação”.

Os ensaios acontecem todos os sábados às 19 horas e chegam a virar a noite. Neste dia, todos que estavam no local permaneceram para ver o coco, mesmo sendo tão cedo. Alguns até foram chamados de suas casas às pressas. Costume dos pescadores, até mesmo para os que não dançam, é um prazer ver a brincadeira. “Eles representam a gente. Eu não danço, meu filho também não, mas a gente se anima em ver! Mexe comigo. Tem muitos amigos nossos que pescam e dançam também”, conta José Helson, 33 anos doados à pesca. Muitos dos que trabalham no mar e moradores do local também se vêem no Coco do Iguape.

A vila de pescadores fica perto do centro do Iguape. As ruas que compõem o cenário têm várias casinhas, uma ao lado da outra. Em um quarteirão próximo à igreja, que serve de referência para chegar à vila e à maior parte dos destinos do Iguape, vê-se um pequeno mercantil e ao seu lado uma bodega. As casas do local não parecem ser habitadas. Enquanto procurávamos o galpão dos trabalhadores, não víamos qualquer pessoa, apenas alguns que passeavam de bicicleta por lá. Em conversa com habitantes do distrito de Jacaúna – nome verdadeiro da então conhecida Iguape –, uma delas destacou que, na hora em que passamos, era muito difícil encontrar alguém, “Às 15 horas, ainda mais do sábado, todos ainda estão descansando. Precisa ver é de noite, as calçadas se enchem de cadeiras e todos conversam com os vizinhos”, contou. ☒



## Origem do Coco

Para Ninno Amorim, sociólogo e pesquisador do Coco do Iguape, em sua etnografia *Em cima da hora: uma etnografia da dança do coco*, defendida pelo autor em junho de 2005, na Universidade Estadual do Ceará, a maioria dos folcloristas concorda que o coco foi primeiro um canto de trabalho dos tiradores de coco e que somente depois foi transformado em ritmo dançado. Alguns afirmam que ele nasceu nos engenhos, indo mais tarde para o litoral.

A dança parece ser de origem africana, herança dos negros de origem banto – habitantes de Angola – da região do Congo-Angola. Com eles veio a tradição da umbigada, que serve, entre outras coisas, para “convidar” outro brincante à dança. As pessoas contam que o coco pode ter surgido dos escravos que quebravam coco com pedras para a manufaturação. Existem também relatos de que tenha havido a mistura desse povo com elementos indígenas, principalmente na marcação do ritmo, na instrumentalização e, ainda, da intervenção dos portugueses com seu formato de roda, muito comum nas danças do folclore daquele povo.

Klévia Cardoso relatou para Ninno Amorim que “os antigos, em época de escassez na pesca, enchiam os caçuás (depósitos artesanais) de frutas, dentre estas o coco, e se dirigiam a pé pelo litoral de Iguape até Mucuripe, em Fortaleza (cerca de 40km). Com o objetivo de poupar a sola dos pés, devido ao tratamento dado pelo calor na areia da praia, eles saíam de madrugada. Mas isso não era suficiente para evitar o encontro com o sol em grande parte do caminho. À noite, ao regressar da longa jornada, aquelas pessoas tocavam seus instrumentos (caixão – “caçuá de madeira” – e ganzás). Enquanto uns improvisavam versos sobre a vida no mar e suas aventuras amorosas, outros entravam na roda e imitavam (na maioria das vezes zombando!) o saltitar de seus colegas na areia quente”. Segundo Klévia, é justamente desse saltitar que surgiram os primeiros passos de coco.